

Roupa, memória e violência: A tecnologia viraliza e a arte denuncia

Mestranda Rebeca Lima Soares (UFSJ)

Doutor Flávio Luiz Schiavoni (UFSJ)

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a subjetividade do vestir em eventos de violência e denúncia através da arte contemporânea e da tecnologia. Considera-se aqui a vestimenta como uma das cinco peles propostas por Hundertwasser. Além disso, o texto segue considerando o registro e a memória tecnológica como braços dos relatos através das roupas que serão tratadas na performance de Regina José Galindo e uma determinada trend realizada na rede de entretenimento *tik tok*.

Com o auxílio de Peter Stallybrass e Helena Soares o artigo perpassa pela poética, memória e outras particularidades do vestir. Nesse tópico é abordado as diferentes abstrações possíveis no tocante a roupa. Stallybrass traz contribuições importantíssimas ao explicar a relação de Karl Marx e um casaco específico no rígido clima de Londres. Helena Soares entende que as roupas carregam histórias e esse fato muda a relação no vestir.

Ao considerar a roupa como dispositivo narrativo e a violência como objeto dessa narrativa, a pesquisa entende que as expressões contemporâneas de arte podem apontar uma gama de situações em perspectivas pessoais e em escalas sociais. Diversos artistas que têm o têxtil como principal elemento em seus trabalhos, são aqui visitados e explanados.

A TEORIA DAS CINCO PELES

Existem várias formas de tentar observar o ser humano e suas relações sociais. Um delas, utilizada por Hundertwasser (RESTANY, HUNDERTWASSER, 2001), é a teoria nas cinco peles.

Segundo esta ideia, o ser humano se veste com diferentes peles sendo que estas peles servem como interfaces que permeiam e moldam nossas relações com o mundo.

A primeira pele é nossa epiderme, o maior órgão de nosso corpo, que nos serve de proteção natural contra intempéries, uma proteção renovável mas também sensível. Nesta camada de pele as pessoas são o que são, e não possuem outras proteções que não o próprio corpo e suas limitações.

Já a segunda pele, tema deste trabalho, é a nossa vestimenta. Nosso vestuário serve para nos proteger para além de nossa pele mas também nos dá um passaporte para o convívio social ao permitir a escolha destas roupas para determinados momentos de nossa vida. Assim, o vestido de noiva, a beca de formatura ou a roupa da bailarina podem não estar servindo apenas para proteger o corpo das intempéries mas também contam um pouco sobre o espaço e o momento em que uma pessoa se encontra.

A terceira pele de Hundertwasser é a nossa casa. Este artista, arquiteto por formação, nos diz que a nossa casa também serve como uma pele ao nos proteger e nos permitir existir enquanto seres sociais. Já a quarta pele é nossa identidade social, que nos remete a nossa cultura, nossos símbolos e identidades que também nos protegem como uma pele contra questões externas. Por fim, a quinta pele seria o mundo, muitas vezes representada como o planeta Terra. Uma pele coletiva que depende da coletividade para nossa existência.

Nosso trabalho se concentra na segunda pele, a vestimenta. Nossas roupas são parte de nossa cultura e irão nos auxiliar a entender nossa relação com as demais pele. Se por um lado, hoje não é socialmente aceito que alguém se apresente socialmente sem usar uma vestimenta, a apropriação deste costume pela sociedade nos trouxe muitos danos para nossa identidade e também para nosso

mundo. Talvez aqui seja necessário separar o simples ato do vestir com o que se tornou a vestimenta na nossa sociedade contemporânea.

A SUBJETIVIDADE DO VESTIR EM DOIS LUGARES: O CASACO DE MARX E O BRECHÓ DE TROCA

A pesquisa em questão busca, através da subjetividade da roupa e de sua possibilidade poética, considerar o vestir para além daquilo que é efêmero. Para essa consideração, duas importantes referências são aqui citadas. A primeira é o livro “O Casaco de Marx” de Peter Stallybras e a segunda é o “Brechó de Troca”, iniciativa proposta por Helena Soares¹.

O Casaco de Marx, lançado em 1998, considera a memória da roupa e as possibilidades daquilo que é vestível quando entra em contato com o corpo de alguém. Ora, todo corpo é uma história e carrega cheiros, texturas, narrativas e situações muito específicas, mas o que acontece com a roupa que veste esse corpo histórico? É sobre essa e outras questões as observações de Stallybrass.

As roupas têm vida própria; elas são presenças materiais e, ao mesmo tempo, servem de código para outras presenças materiais e imateriais. Na transferência de roupas, as identidades são transferidas.
(STALLYBRASS, 1998, p 32).

Helena Soares desenvolveu o Brechó de Trocas, o lugar que ela define como “ser uma desculpa para os encontros”. Nesse evento, a subjetividade das roupas é o carro-chefe. Cada participante (dentro de um grupo pequeno de pessoas) escolhe de 10 a 15 peças, essas peças são

¹ Bacharel em Psicologia pela UNISINOS, Mestre e Doutoranda em Psicologia social e Institucional pela UFRGS.

trocadas entre o grupo, a grande diferença desse brechó é que, antes dessas roupas serem trocadas, histórias sobre elas são contadas. Antes da troca há a valoração do percurso daquela peça.

Helena Soares e Peter Stallybrass compreendem a história da roupa e a exploram por diferentes caminhos. Em seu livro, Stallybrass aborda o que acontecia com o casaco de Marx enquanto esse desenvolvia uma das maiores obras da história ocidental: *O Capital*. A vestimenta de Marx foi de extrema importância para que o livro pudesse acontecer.

O salão de leitura do Museu Britânico não deixava entrar qualquer um que simplesmente chegasse vindo da rua, e um homem sem sobretudo, mesmo que tivesse um passe de entrada, era simplesmente qualquer um. Sem seu sobretudo, Marx não estava, numa expressão cuja força é difícil de apreender “vestido em condições de ser visto” (STALLYBRASS, 1998, p 48).

Então, para além da funcionalidade do casaco de Marx em mantê-lo aquecido e ser aceito como “cidadão decente” no Museu Britânico, o que conta essa peça? Por onde passaram as peças que são trocadas no brechó desenvolvido por Helena e quais são as histórias ali representadas? É nesse ponto que encontramos a performance *Presencia* de Regina José Galindo, onde, através do corpo e do estado de performance, Galindo consegue denunciar situações de abuso e violência.

O VESTIR ENQUANTO ARTIVISMO

Regina José Galindo é multiartista e nascida na Guatemala. Uma das principais temáticas dos trabalhos de Galindo é a violência, já que a artista considera em sua obra o contexto histórico e

social do seu país. Em agosto de 2018, pude presenciar uma palestra de Regina onde essa, explanava seus trabalhos e explicitava conceitualmente cada um.

Presencia é uma performance que evoca, a partir da roupa, a presença de mulheres de alguma forma violentadas. O trabalho cênico se dá quando a artista veste peças que representam mulheres enquanto vítimas de violência. Regina José Galindo veste uma peça de cada vez e permanece parada, em cena, fazendo do seu próprio corpo um lugar de exposição e denúncia dessas situações de agressão, como pode ser visto na Figura 1.

Figura 1 - Regina Galdino na performance *Presencia*



Fotografia Ameno Córdoba, 2017

Enquanto artista, Regina poderia optar por outros materiais para servir como um dispositivo de memória, porém, a performer decidiu por aquilo que é vestível, aquilo que “organiza” o corpo para uma situação social. Também é importante destacar a opção por vestir a peça e não apenas expor a roupa. O corpo ali em estado de performance², firme, decidido por carregar aquelas histórias. O corpo de Regina decidiu denunciar.

A CORRENTE DO TIK TOK

Enquanto a performance de Galindo manifesta, através do que conhecemos por arte contemporânea, uma gama de narrativas a partir do vestir, usuários da rede de entretenimento *tik tok* também acusam situações de violência contra a mulher a partir da roupa. Uma *trend* em uma rede social, como o próprio nome diz, é uma tendência onde diversos participantes realizam um mesmo estilo de vídeo, colocando nessa criação, suas particularidades fazendo com que uma postagem possa viralizar sem perder características únicas do usuário.

Usufruidores do tiktok encontraram nessa ferramenta uma oportunidade para apontar situações em que foram violentados sendo, em sua maioria, mulheres. A *trend* se dava da seguinte forma: Uma tela aparecia nos primeiros cinco segundos do vídeo com a seguinte frase: “Mostre o que você estava usando no dia em que ...”, o curto vídeo seguia com a imagem da roupa que a pessoa estava vestindo no dia em que passou por alguma agressão, principalmente sexual. Um exemplo desta trend é apresentada na Figura 2.

² Momento cênico em que a artista está completamente presente.

Chamamos atenção aqui a essa rede que parece ter, de início, o objetivo de entreter e divertir mas que pode sim exercer outras funções, como nesse caso em que a *trend* torna-se um vídeo de denúncia e exposição de situações delicadas. A rapidez de uma rede de entretenimento pode entregar muito mais rápido essas e outras denúncias, da mesma forma que pode fazer com que essas histórias sejam rapidamente esquecidas. É possível fazer com que essas exposições de violência não sejam rapidamente esquecidas em um meio digital tão fugaz?

Figura 2 – Postagem na rede social tik tok que mostra a trend sobre violência e abuso



Fonte: acervo pessoal

É relevante pensar no contraste do tempo-espaço em que essas duas denúncias acontecem. Uma em um contexto acolhido pelo nicho da arte contemporânea, sendo fotografado, exposto em museus, galerias, seminários, lidando com o corpo tridimensional, suas tensões e complexidades, podendo ser observado por muitos minutos ou quem sabe horas. Outra acontece em um cyber-espaço com duração relâmpago de aproximadamente trinta segundos e um alcance quase irrastrável.

ARTE CONTEMPORÂNEA E A ROUPA COMO ESCOLHA POÉTICA

Nosso trabalho nos trouxe para um lugar que permite pensar o vestir a partir de uma memória que imortaliza uma roupa que poderia ser efêmera. As lembranças associadas ao vestir, esta nossa segunda pele, extrapola nossa identidade social e nos leva a pensar nosso lugar nessa sociedade. Não deveria mais caber, violência contra nenhum ser mas a violência contra a mulher ainda é uma triste e dura realidade que precisa ser combatida e eliminada. Utilizar a roupa para denunciar essa violência permite dar voz a quem não teve e resgatar a possibilidade de pensar a relação que temos com esta pele.

A denúncia da violência ocorre pela roupa mas também ocorre pelo meio digital. Aqui, novamente, vemos que o efêmero do vestir se torna algo infinitamente lembrado, publicado, repostado e compartilhado. É pelo digital que estas roupas podem ultrapassar as barreiras do tempo e do espaço e se tornar um grito de socorro ao permitir reflexões sobre este espaço.

Além de Galindo, outros artistas de diversas linguagens têm escolhido a roupa como poética e estética. Christian Boltanski, artista visual francês, fez uso da roupa em algumas de suas obras, sinalizando a identidade e a comunidade através do têxtil. Emily Spivack, escritora e artista,

dedica-se a conhecer histórias de pessoas através das roupas que essas vestem. A obra de é mostrada na Figura 3.

Figura 3



Fotografia: Evaldas Ivanauskas

Durante essa pesquisa temos sim nos atentado aos relatos de violência expostos através da roupa, porém, também temos pensado sobre a possibilidade de novas costuras. Acreditamos que outras histórias podem ser contadas ou escritas a partir das mesmas peças de roupa. Queremos que, assim como o *upcycling*³ reutiliza e refaz novas peças a partir de roupas antigas, possamos, além de denunciar, esperar novas histórias.

REFERÊNCIAS

³ Prática de aproveitar materiais já existentes.

RESTANY, Pierre; HUNDERTWASSER, Friedensreich. Hundertwasser: The Painter-king with the 5 Skins: the Power of Art. Taschen, 2001.

STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx*. Roupas, memória e dor. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Helena de Barros. Produção de subjetividade pelas práticas do vestir no Brechó de Troca: novos campos para a psicologia social. *Psi Unisc*, Santa Cruz do Sul, 1/3, ano 2019.

REGINA JOSÉ GALINDO. <https://www.reginajosegalindo.com/en/home-en/> Acesso em: <24/06/2022>

Revolução Eterna (tradução). <https://www.sophia-ntrekou.gr/2017/10/apwlia-apoysia.html?m=1>. Acesso em < 24/06/2022)

Como citar este texto:

SOARES, Rebeca L.; SCHIAVONI, Flávio L. Roupas, memória e violência: A tecnologia viraliza e a arte denuncia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 7, 2022, Belo Horizonte. *Anais do 7º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais*. Belo Horizonte: EdUEMG, 2022. ISSN: 2674-7847. p. 833-842.